



## O DISCURSO POLÍTICO NA CHARGE: ENTRE A REPETIÇÃO E AS (RE)SIGNIFICAÇÕES

Cristiane Renata da Silva Cavalcanti<sup>1</sup>

Silmara Dela Silva<sup>2</sup>

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atravessada pela historicidade constitutiva do discurso, a charge encaminha efeitos de sentido que não decorrem exclusivamente daquilo que se vê, ouve ou lê, mas que derivam de dizeres outros, deslocados e ressignificados no fio interdiscursivo, presentificando discursos que se deram em outros contextos históricos e que produzem sentidos que vão além da literalidade do dizer.

A proposta deste trabalho é analisar discursivamente charges em seu funcionamento imagético, tendo como ponto de partida a noção de memória discursiva, conforme proposta pela análise de discurso de linha francesa. Aqui apresentaremos um breve panorama do trabalho realizado, composto por: objetivo, fundamentação teórica, uma das análises realizadas e considerações finais; vinculado à dissertação de mestrado cujo título é *Discurso político na charge* (CAVALCANTI, 2013), que desenvolvemos junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

Nosso objetivo foi mostrar como os efeitos de sentido das charges se dão a partir da relação entre suas condições de produção (historicidade) e a memória discursiva que, enquanto elementos constitutivos, atravessam o discurso chargístico em seu nível de formulação de natureza verbal e não-verbal, bem como em sua constituição.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E *CORPUS*

Pretendemos delinear alguns dos elementos teóricos a partir dos quais estabeleceremos nossa reflexão, ancorados nos pressupostos da análise de discurso de linha francesa, a partir dos princípios enunciados em Pêcheux (2008, 2009, 2010) e Orlandi (1998, 2001, 2007, 2008). Dialogando com esses estudos, visamos à construção de uma abordagem coerente do processo de produção de sentidos do discurso da charge, contemplando a noção de memória discursiva e a proposta de se pensar a imagem como operadora de memória, na análise discursiva das produções chargísticas.

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual e Municipal de Ensino do Estado de Pernambuco e mestre pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: [reyelcris@ig.com.br](mailto:reyelcris@ig.com.br).

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Ciências da Linguagem, Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, desse Instituto, e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, do Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF. É jornalista e doutora em Linguística, com pesquisas na área de análise de discurso. E-mail: [silmaradela@gmail.com](mailto:silmaradela@gmail.com).

Entendemos que trabalhar o mesmo e o diferente no discurso da charge é observar retomadas e/ou disjunções nada pacíficas de ressignificação, uma vez que se trata de conflitos pela regularização e hegemonia de sentidos.

sob o 'mesmo' da materialidade da palavra abre-se em meio ao jogo da metáfora como outra possibilidade de articulação discursiva. Uma espécie de repetição vertical, em que a memória volta-se sobre si mesma, esburacando-se, perfurando-se antes de se desdobrar em paráfrase (PÊCHEUX, 2010, p. 65).

Poderíamos dizer que a retomada parafrástica se constrói a partir de uma formação discursiva, ou seja, a repetição é o funcionamento do discurso que permite ao analista o gesto de observar e descrever funcionamentos regulares, agrupando-os. Porém, essa nova enunciação do "mesmo" não é a simples repetição.

A relação entre paráfrase e polissemia, indispensável aos discursos, é a que permite "a fluidez dos sentidos" (ORLANDI, 1998), por meio do jogo entre o mesmo e o diferente; da repetição do mesmo, no caso dos processos parafrásticos, e de rupturas, deslocamentos nos processos de significação, no caso dos processos polissêmicos. Nos termos de Orlandi (2001, p. 36): "é nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, se significam".

Orlandi também afirma ser "difícil traçar fronteiras bem definidas entre o mesmo e o diferente, quando se pensa a linguagem do ponto de vista do discurso, dado que o funcionamento mesmo da linguagem se fundamenta numa tensão permanente entre tais processos" (idem, 2001, p. 36). Os primeiros seriam "aqueles por meio dos quais em toda enunciação existe sempre algo que se mantém, ou seja, o dizível, a memória"; os segundos seriam responsáveis "pelo deslocamento, pela ruptura de processos de significação".

Se, de um lado, a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços de dizer, se pelo processo parafrástico se produzem formulações diferentes do mesmo dizer sedimentado, estabilizado, por certa regularidade; de outro os processos polissêmicos "jogam com o equívoco", produzindo o movimento dos sentidos. A "con-fusão" entre estes dois processos não fica sujeita à diferença no discurso. "Confusos, pois obscuros e transparentes, misturados ou combinados, difusos ou dispersos. O 'mesmo' e o 'diferente' às vezes não são passíveis de distinção do discurso" (ORLANDI, 2008, p. 50-51).

Apesar das materialidades discursivas serem construídas na formulação do mesmo, parafraseando tudo o que já foi vivenciado (ouvido, lido, aprendido, intuído, percebido, entre outras ações), em alguns momentos se consegue realizar uma ruptura e experimentar um sentido novo no dito. E é nesse jogo que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos e se (re) significam.

## CORPUS DISCURSIVO E ANÁLISE



*Diário de Pernambuco 14/10/2010*

Passaremos à apresentação do corpus de análise, seguida de algumas considerações. Como ponto de partida para a composição do corpus discursivo, consideramos os principais acontecimentos jornalísticos do período de 01 a 31 de outubro de 2010 dos jornais impressos: O Globo, Diário de Pernambuco e Folha de São Paulo. Recortamos para análise somente charges que circularam durante a campanha eleitoral do 2º turno das eleições e foram escolhidas destes recortes 12 charges subdivididas em trajetos temáticos que mais foram evidenciados na mídia.

A partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso, tentamos mostrar como os efeitos de sentido das charges se dão a partir da relação entre suas condições de produção (historicidade) e a memória discursiva que, enquanto elementos constitutivos, atravessam o objeto discursivo em seu nível de formulação de natureza verbal/não verbal e de constituição, compreendendo, assim, como a memória discursiva é importante para se entender o processo de produção de sentidos nesses discursos.

A análise que trouxemos pertence aos recortes realizados inicialmente para a constituição do corpus da nossa dissertação de mestrado, os quais apontam uma divisão em quatro blocos de percursos temáticos nos impressos considerados, conforme descritos: trajeto temático “Religião; trajeto temático “Apoio de Marina; trajeto temático “Debate; trajeto temático “Bolinha de papel. Assim, destacamos, para este trabalho, apenas uma das análises, pertencente ao trajeto temático “religião”.

Temos na charge mais uma paráfrase do discurso bíblico. Observamos que o chargista atribuiu a Dilma a mesma função que foi atribuída a Moisés. É possível afirmar que se trata do mesmo com base no memorável. Porém, percebemos o deslocamento de sentido quando num olhar mais atento, notamos que o candidato Serra foi silenciado, ressignificando esse discurso religioso para outro discurso: a denúncia do marketing publicitário político que substitui o discurso político, sustentando ideais políticos partidários em favor de um marketing publicitário, ainda que o resgate do discurso bíblico, dito antes, e em outro lugar, contribua para a manutenção dessa memória discursiva.

Tal silenciamento demonstra a formação ideológica de linha editorial do jornal, mostrando que o funcionamento discursivo jornalístico está filiado a sentidos que circulam num lugar interpretativo, deixando de ser um discurso de imparcialidade e passando a se inscrever em outro discurso de parcialidade; transformando, negando, já-ditos memoráveis na memória coletiva de que a imprensa é neutra, produzindo assim, outros efeitos de memória específicos.

Assim, a predominância do nível parafrástico da charge está no repetível. A retomada do discurso bíblico da história do profeta Moisés que recebeu de Deus em tábuas de pedra os dez mandamentos ou decálogo (as *Tábuas da Lei*). Tal discurso está cristalizado há séculos nos livros bíblicos de Êxodo 20:2-17 e de Deuteronômio 5:6-21, que funcionam como um lugar de memória que faz emergir a memória coletiva pela repetibilidade; e mais uma vez se manifestou nesse discurso chagístico. Na sequência não-verbal da charge, temos a então pré-candidata à presidência da república segurando as tábuas da lei, cada uma com cinco leis, vestida com manto, típico das vestimentas da época de Moisés, assim como retratado no discurso bíblico.

Sabemos que “Os Dez Mandamentos” (ou *Decálogo*) são a síntese da Lei de Deus e a base mínima e fundamental da moral cristã. A Igreja como instituição religiosa organizada exige dos seus fiéis o cumprimento obrigatório destas regras. Estes mandamentos enunciam deveres fundamentais do homem para com Deus e para com o próximo, e dão aos indivíduos conhecimento da simbologia da Igreja que se apropria desse discurso bíblico, entendido como o próprio dizer divino.

Percebemos, no entanto, que Moisés foi substituído por Dilma, provocando deslocamentos de sentidos, de maneira a denunciar o artifício do marketing de convencimento publicitário político que a vestiu de profeta com o intuito de conquistar o voto dos cristãos. Quando capturamos esta imagem do discurso bíblico, a memória discursiva resgata tal enunciado agora retomado pelo chargista que o faz deslizar, inscrevendo-o em outro discurso.

Percebemos que esse dizer se filia a uma formação discursiva do discurso político, direcionando para os sentidos de que a candidata à presidência, nesta campanha eleitoral, busca conseguir eleitores que seguem esse real simbólico da bíblia. Tal interpretação nos foi possível porque, segundo o IBGE<sup>3</sup> e a divulgação da mídia, esses eleitores são maioria eleitoral. O gesto de interpretação do chargista enlaça tal discurso da dependência do Governo/Estado e Política-eleitoral, nesse momento histórico, da Igreja. Percebemos a posição ideológica do chargista que deixa claro em seu gesto de interpretação o discurso de conflito entre Igreja e Estado, existente desde o nascimento do cristianismo, que passa a ter outro discurso de parceria, contrária ao discurso de independência entre o secularismo do Estado e a liberdade das instituições religiosas, inscrevendo esse novo discurso na memória constitutiva.

---

<sup>3</sup> Dados divulgados pelo Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a religião (ou a não religião) declarada dos brasileiros. Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos são 64,6%; evangélicos são 22,2%.



Assim, quando o chargista retoma o mesmo Moisés e o substitui pelo diferente: Dilma, inscreve-se o sentido de que a pré-candidata se apresenta como aquela que possui as pedras da lei, aquela que possui as leis; aquela que foi destinada ao cargo por Lula (do mesmo modo que Moisés recebeu as pedras da lei de Deus). A candidata Dilma foi escolhida para este fim, para suceder a presidência da república, mantendo o PT no poder, demonstrando este jogo de discursos nessa Política-eleitoral.

Nesta perspectiva, vamos encontrar o discurso da charge atuando como agente de uma memória sócio-política-histórica, redizendo dizeres, ressignificando saberes, construindo subjetividades e fazendo sentidos. Esta recuperação de um dizer que já está estabelecido foi sendo reformulando, o que abriu espaço para um novo dizer.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho apresentamos apenas um fragmento de nossa pesquisa de mestrado, que teve como proposta buscar compreender como os efeitos de sentido das charges se constituem na relação com a memória discursiva, que significa os saberes constituídos na memória do dizer, saberes pré-construídos, sentidos que fazem parte do dizível e que circulam na sociedade.

Percebemos que estudos nessa área podem ser ampliados buscando observar e compreender as reações do leitor, ou seja, as leituras de charges feitas pelo público que lê jornais.

Assim, entendemos ter prestado nossa contribuição ao procurar instaurar um olhar discursivo com relação a essas produções chargísticas e opinativas que diariamente (re) apresentam os acontecimentos do cotidiano através de gestos de interpretação do chargista (que tem que coadunar com o do jornal), reconhecendo os aspectos histórico-ideológicos deste discurso, conferindo a esses textos de natureza verbal e não-verbal a sua ilusória evidência de sentidos.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- CAVALCANTI, Cristiane Renata da Silva. O discurso político na charge. 2013. 100f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Ciências da Linguagem, Recife, 2013.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. As formas do silêncio. No movimento dos sentidos. 6ª. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.
- \_\_\_\_\_. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. 3ª. ed. Campinas-SP: Pontes editores, 2008.
- \_\_\_\_\_. Análise de discurso. Princípios e procedimentos. 3ª ed. Campinas: Pontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *RUA*, Campinas, 1998.
- PÊCHEUX, Michel. Discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.
- \_\_\_\_\_. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 4ª Ed. Campinas: UNICAMP, 2009.
- \_\_\_\_\_. Gestos de leitura: da história no discurso. In Orlandi, E. (Org.) 3ª ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2010.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO  
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença  
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

\_\_\_\_\_. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Pecheux. Em GADET, F. & HAK, Tradução Bethânia S. Mariani [et al] Campinas, SP: Editora UNICAMP, 4<sup>a</sup> Ed, 2010.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et all. *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.